

# Orientalismo em tempos de pandemia: discursos sobre a China no jornalismo brasileiro

**Resumo:** O artigo explora os discursos associados à China no jornalismo brasileiro diante do contexto da pandemia da COVID-19. Para tanto, utiliza-se como metodologia uma coleta e análise qualitativa de matérias jornalísticas. Os resultados da pesquisa apontam para a permanência do orientalismo enquanto base discursiva dos conteúdos analisados, bem como para a importância crescente de um diálogo mais íntimo e informado entre Brasil e China na construção de um mundo pós-Occidental num cenário pós-pandemia.

**Palavras-chave:** Orientalismo; Xenofobia; Jornalismo brasileiro; China.



Krystal Cortez Luz Urbano<sup>1</sup>  
Mayara Soares Lopes  
Pinto de Araujo<sup>2</sup>  
Maria Elizabeth Pinto de  
Melo<sup>3</sup>

## Orientalismo en tiempos de pandemia: discursos sobre China en el periodismo brasileño

**Resumen:** El artículo explora los discursos asociados con China en el periodismo brasileño en el contexto de la pandemia de COVID-19. Para este propósito, se utiliza una recopilación y análisis cualitativo de artículos periodísticos como metodología. Los resultados de la investigación apuntan a la permanencia del orientalismo como la base discursiva de los contenidos analizados, así como a la creciente importancia de un diálogo más íntimo e informado entre Brasil y China en la construcción de un mundo post-occidental en un escenario post pandemia.

**Palabras-clave:** Orientalismo; Xenofobia; Periodismo brasileño; China; Brasil.

## Orientalism in pandemic times: speeches about China in Brazilian journalism

**Abstract:** The article explores the speeches associated with China in Brazilian journalism given the context of the COVID-19 pandemic. For

<sup>1</sup> Doutora e Mestre em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (PPGCOM | UFF). Jornalista e Especialista em Epistemologias do Sul (CLACSO | Argentina). Coordenadora Adjunta do MidiÁsia (Grupo de Pesquisa em Mídia e Cultura Asiática Contemporânea - PPGCOM | UFF).

<sup>2</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (PPGCOM-UFF).

<sup>3</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (PPGCOM-UFF).

this purpose, a qualitative data collection and analysis of journalistic articles are used as methodology. The research results point to the permanence of Orientalism as a discursive basis of the analyzed contents, as well as the growing importance of a more intimate and informed dialogue between Brazil and China in the construction of a post-Western world in a post-pandemic scenario.

**Keywords:** Orientalism; Xenophobia; Brazilian Journalism; China.

4 BANIDOS DE HOTÉIS, EX-  
CLUÍDOS DE ESCOLAS, VÍTI-  
MAS DE COMENTÁRIOS RACIS-  
TAS: CORONAVÍRUS PROVOCA  
HISTERIA MUNDIAL CONTRA  
CHINESES, 2020

## 1 Introdução

Com a propagação em larga escala do novo coronavírus - denominado SARS-CoV-2, causador da doença COVID-19 - em vários países do mundo, a China tem se tornado alvo de discursos e representações controversas nos meios de comunicação no Brasil nos últimos meses. Tão logo o vírus tornou-se uma realidade em vários países do Extremo Oriente, inúmeras matérias e reportagens nos meios de comunicação sobre a pandemia passaram a fazer parte do cotidiano de notícias da sociedade brasileira. De fato, o discurso orientalista atribuído aos países da Ásia vai assumir múltiplas formas e facetas diante do cenário de pandemia no Brasil, dando um tom particular às representações midiáticas sobre a China. Além das teorias conspiracionistas que apoiam a ideia de que o vírus fora criado para que a China pudesse obter vantagens econômicas diante do caos (CHAGAS, 2020), ou que ora buscam associar o vírus aos hábitos alimentares “exóticos” de algumas das muitas de suas regiões<sup>4</sup>, reconhecemos que há boas razões para que a presença da China pudesse se fazer profundamente sentida em veículos de comunicação locais e internacionais.

Em primeiro lugar, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, recentemente, referiu-se ao novo coronavírus de modo bastante pejorativo em uma coletiva de imprensa, denominando-o como “vírus chinês” (SATEL, 2020). Essas palavras foram repetidas, logo em seguida, pelo deputado federal Eduardo Bolsonaro, filho do atual Presidente da República, em sua conta no Twitter, causando um desconforto diplomático entre Brasil e China (PUTTI, 2020). Em segundo lugar, diante do cenário de pandemia generalizada, a vasta comunidade de imigrantes e descendentes de chineses e de outros países asiáticos, no Brasil e em outras partes do mundo, tem sido alvo de constantes ataques racistas e xenofóbicos, seja nos espaços urbanos seja nos virtuais, os quais desvelam preconceitos arraigados e estereótipos historicamente associados ao país e sua população. Por fim, o modo pelo qual a China e outros países asiáticos e não-ocidentais vêm lidando com a referida pandemia através de

ações e medidas efetivas, nos oferecem profundas dúvidas sobre a continuidade da centralidade do mundo ocidental, levando-nos a crer na eminente ascensão de um mundo Pós-Occidental<sup>5</sup> (SERFATY, 2011; ZAKARIA, 2008).

O momento atual evidencia a forma com que países da Ásia e da América Latina emergem como importantes jogadores na construção de um mundo pós-Occidental num cenário pós-pandemia. A China apresenta-se como um excelente exemplo, especialmente no campo econômico (atualmente é a segunda maior economia do mundo<sup>6</sup>, perdendo apenas para os Estados Unidos, mas com previsão de liderar esse status nos próximos anos), mas também no âmbito cultural (o maior mercado consumidor em potencial e o segundo maior mercado de cinema<sup>7</sup>). No entanto, a construção do orientalismo como parte do projeto de ocidentalização e do universalismo europeu, tem promovido, ao longo de séculos de história, a permanência do eurocentrismo no Brasil e no restante do mundo, tornando-se um empecilho para o entendimento mútuo e diálogo efetivo do Brasil com o referido país. Com efeito, a identidade europeia em si foi construída e delimitada em contraposição ao imaginário oriental (SAID, 2007), um processo de distanciamento daquilo que era considerado menos digno da “superioridade” ocidental. Os asiáticos amarelos foram sempre reconhecidos como a parte que não cabia aos valores universais, que se distanciavam culturalmente, racialmente e socialmente daquilo que a Europa representava. O rosto asiático e seu fenótipo associado eram vistos como exóticos e forasteiros (CHEN, 2012), fato este que é perceptível nos textos jornalísticos que coletamos para esta investigação. Em tais obras, o discurso orientalista por vezes é questionado, por vezes são reproduzidos e reforçados.

O Brasil, país construído a partir da colonização europeia, ainda comunga vigorosamente da memória colonial e naturaliza o orientalismo. Um exemplo tácito disso reside na trajetória das imigrações no Brasil, iniciada ainda no século XIX. Embora a ideia de raça só passe a fazer parte do discurso sobre a imigração no Brasil na segunda metade do século XIX, a alusão a um possível processo civilizador introduziu em nosso país um princípio de desigualdade associado a uma nova forma de ocupação territorial que priorizou a colonização europeia, em detrimento dos povos não-ocidentais, incluindo-se aí, os chineses (*chins*) (SEYFERTH, 2002, 2015). Em outras palavras, o temor aos chineses tem sua representação mais significativa no uso da expressão “perigo amarelo” (TAKEUCHI, 2008; TCHEN, 2010), que vai ser associada nesse período a uma suposta inferioridade racial, uma definição que incluía especulações acerca dos pretensos “riscos” da mistura racial entre *coolies* (homens que viriam sem família) e mulheres negras ou mestiças. Daí surge a

5 Sertafy (2011) afirma que estamos nos encaminhando para a era do Pós-Occidente. Sua abordagem é a de que a emergência do “mundo pós-occidental não precisa significar o declínio do Occidente, mas a ascensão de todos os outros lugares invisibilizados no mundo”.

6 China podría ser la mayor economía del mundo para el 2030. **Portafolio**, 28 de jul. de 2019. Disponível em: <portafolio.co>. Acesso em 28/05/2020.

7 China se torna maior mercado mundial do cinema. **Istoé Dinheiro**, 23 de mai. de 2018. Disponível em: <istoedinheiro.com.br> Acesso em 28/05/2020.

dialética da minoria modelo *versus* o perigo amarelo: os imigrantes do Extremo Oriente poderiam até ser formidáveis trabalhadores, mas, ao mesmo tempo, também poderiam ser espiões e inimigos da Civilização e do Mundo Moderno e, portanto, uma ameaça para a segurança do Ocidente (KAWAI, 2005).

Dado todo o exposto, o artigo explora os discursos recentes associados a China no jornalismo brasileiro, tendo em vista o papel central dos países asiáticos e da América Latina no cenário atual de pandemia global. A partir da coleta e análise qualitativa de 12 matérias jornalísticas publicadas na mídia local entre os meses de janeiro e abril, buscamos apontar a permanência do orientalismo enquanto discurso embaixador presente em boa parte dos conteúdos analisados e, por outro lado, reforçar a importância do diálogo efetivo entre Brasil e China na construção de um mundo pós-Ocidental no cenário pós-pandemia. Para tal intento, o argumento do texto desenvolve-se em três partes. Na primeira, discutimos sobre a noção de orientalismo, associando a presença da China em nosso país, bem como tal discurso veio se manifestando ao longo dos dois últimos séculos no Brasil. Já num segundo momento, apresentamos os dados coletados para a análise qualitativa e discutimos sobre os discursos presentes nos conteúdos das matérias escolhidas. Por fim, na conclusão, encaminhamos para algumas importantes considerações sobre o papel que a China tem desempenhado nas primeiras décadas do século XXI. Observamos, portanto, que independentemente de discursos pejorativos sobre a China, o país apresenta-se cada vez mais como um ator de peso elevado diante do sistema internacional atual e, justamente por isso, é interpretado como uma ameaça constante pelas “lentes” ocidentais.

## **2 O discurso orientalista e a presença dos chineses no Brasil**

O discurso civilizatório e o imperialismo europeu, ocorridos nos séculos XIX e XX foram reforçados e legitimados a partir da representação do Oriente de forma inferiorizante e exotizada (SAID, 2007). Nesse sentido, o Oriente pode ser compreendido como um discurso inventado pela Europa com o intuito de validar as suas políticas expansionistas. Com isso, desenvolveu-se uma noção acerca de um “outro”, bárbaro e menos civilizado, em contraste com um “nós”, hegemonicamente branco, europeu e desenvolvido. Embora a teoria de Said se refira principalmente ao Oriente Médio, o seu pensamento também pode ser aplicado a países de outras regiões da Ásia, como demonstra o caso da China. Tal lógica orientalista também tem sido, ao longo de décadas, utilizada para promover hierarquias,

divisões e rivalidades dentro da própria Europa, com noções de “Europa Ocidental” e “Europa Oriental” (IMRE, 2016).

Durante muitos séculos, a China foi construída narrativamente como uma região desconhecida e misteriosa, ao mesmo tempo em que se falava acerca de certo luxo e exotismo. No Iluminismo, também existiam discursos favoráveis à China, nos quais a retratavam por sua grandiosidade. No entanto, no contexto de “modernização” do Ocidente, durante o período denominado Revolução Industrial e o “avanço” científico, utilizou-se um senso de superioridade europeu e, o que antes era visto como um modelo de desenvolvimento a ser importado para a Europa, passou a ser associado a ideias ultrapassadas, de estagnação e retrocesso (JI, 2017). Se anteriormente as civilizações asiáticas (como o império otomano, chinês e a Índia) eram vistos com certa admiração, eles passaram a ser interpretados de forma inferiorizante para que se justificasse o imperialismo que estava por seguir (JI, 2017). A categoria Oriente, portanto, é discursivamente apresentada como uma invenção que se opõe à Europa ou ao Ocidente, do ponto de vista de suas formas de pensar, valores e comportamentos.

O Orientalismo pode ser compreendido como um discurso criado para lidar com esse Oriente inventado, reforçando e validando certas visões, assim como estabelecendo uma relação de domínio do Ocidente sobre o Oriente. Nisso, eleva-se o status global do Ocidente e deprecia-se o Oriente (SAID, 2007). Dessa forma, a concepção de “eu/nós” e do “outro” se torna um motor que orienta relações de poder e práticas discursivas responsáveis por desenvolver imaginários sobre a região. Essas ideias funcionam para guiar as formas de se pensar e de se imaginar tais lugares (OLIVEIRA, 2020).

Em relação aos povos do Extremo Oriente, desenvolveu-se a noção de perigo amarelo (*yellow peril*) ao final do século XIX e início do XX, que sintetiza o temor ocidental (principalmente norte-americano nos dias atuais), de que as nações asiáticas assumam a liderança do mundo, a partir de ideias e valores que o ocidente tende a considerar como retrógrados. Essa noção foi utilizada pelo Ocidente para justificar o seu imperialismo no Leste Asiático (CHEN, 2012). Dito isso, reforçamos que o Ocidente pressupõe a existência de um “eu” civilizado e superior em contraponto a um “outro” – o Oriente -, que seria necessariamente associado à barbárie e ao perigo, sendo, portanto, entendido como inferior perante ao Ocidente. Por esses motivos, o “outro” precisa se enquadrar ou ser erradicado (OLIVEIRA, 2020).

A trajetória das imigrações no Brasil no século XIX está intimamente relacionada com o contexto descrito. A propagação de certo ideal civilizatório propagado sob a égide dos países da Europa Ocidental, no qual o caráter racista e/ou “etnicista” das políticas



migratórias do governo imperial, a partir de um ideal de modernidade, toma sua face mais aparente. No Brasil imperial, o referido discurso pode ser devidamente sentido nas práticas políticas da corte portuguesa, quando a colonização suíça, por exemplo, passa a ser justificada pela corte por visar “promover e dilatar a civilização do vasto Reino do Brasil”, como consta num decreto de Dom João VI, datado de 6 de maio de 1818. Ou mesmo quando os colonos alemães no período que antecede a abolição do tráfico de escravos eram exaltados como os imigrantes ideais, o que teria contribuído para seu suposto sucesso financeiro em terras brasileiras, a partir de uma ideia de civilidade ancorada na supremacia (“branca”) dos países da Europa Ocidental: “classificação do colono alemão como agricultor eficiente, um critério presente em toda legislação imigratória vinculada à colonização [...] o imigrante ideal, o único merecedor de subsídios, é o agricultor; mais do que isso, um agricultor branco que emigra em família” (SEYFERTH, 2002, p. 119).

De fato, as primeiras experiências migratórias dos países do Extremo Oriente no Brasil só se tornaram possíveis na segunda metade do século XIX, quando o Parlamento brasileiro aboliu o tráfico de escravos africanos em 1850 e, na década de 1870, quando foi promulgado outro ato legislativo relacionado ao fim da escravidão - a Lei do Ventre Livre -, que declarou liberdade aos filhos de escravos nascidos a partir de 1871. Tais ações deram margem a uma regulamentação mais precisa, possibilitando uma política imigratória mais agressiva, mas ainda voltada para os países da Europa Ocidental. Houve, pois, um incremento da imigração a partir daí, subordinada aos interesses do Estado (para fins de colonização) e dos grandes proprietários escravistas (que queriam colonos sob contrato de trabalho), com o aumento progressivo do volume da entrada, na medida em que avançava a campanha abolicionista (SEYFERTH, 2015). Aqui entra em cena a grande demanda de mão-de-obra dos proprietários escravistas e a discussão aberta em sociedade em torno dos aspectos desejáveis desses trabalhadores estrangeiros. É nesse cenário que a ideia de raça vai ser acionada nos discursos para justificar e selecionar aqueles que deveriam ser incluídos ou excluídos do processo de constituição da população brasileira, emergindo a figura do chinês (*chin*) como alternativa à mão de obra nativa e/ou ocidental.

Concomitantemente a esses discursos locais que emergiram na época, o sentimento racista contra os povos do Extremo Oriente, particularmente chineses, estava consolidado o suficiente na segunda metade do século XIX no mundo ocidental para que a narrativa da “invasão asiática” prosperasse nos países da América Latina, como o Brasil. A sensação de ameaça iminente, dado o retrato que era tecido pelas experiências ocorridas com os chineses em território norte-

americano (1840–1860), funda os debates em torno daquele que consideramos os dois pilares da dialética que envolve a experiência dos asiáticos diaspóricos em terras brasileiras: o mito do “perigo amarelo” e da “minoria modelo”.

Na segunda metade do século XIX, com sua densidade demográfica crescendo rapidamente (já representando  $\frac{1}{4}$  da população mundial na época), seu vasto território e recursos naturais (IRELAND, 1900, p. 391), temia-se o despertar econômico da China, o qual implicaria na exclusão da “raça branca” e, portanto, dos países da chamada Civilização Ocidental da participação nas vantagens de uma possível melhoria na economia “dos povos tropicais e subtropicais”, devido à mão de obra chinesa considerada extremamente eficiente (IRELAND, 1900, p. 393). Além de legitimar guerras e ocupações em países asiáticos, a paranoia generalizada e corroborada pela elite intelectual branca (LYMAN, 2000; TAKEUCHI, 2008) culmina em eventos como o massacre chinês de 1871, no qual cerca de 500 homens brancos foram até Chinatown em Los Angeles e sistematicamente torturaram e assassinaram vinte imigrantes chineses, e também no Ato de Exclusão a Chineses de 1882 nos Estados Unidos, que impunha graves restrições e dificuldades à imigração e naturalização (TCHEN, 2010, p. 263-283), consolidando assim um período no qual o discurso da Supremacia Branca ganha força no mundo todo.

Não obstante, a mistura do fenótipo asiático com os nativos locais principalmente, em países que possuíam uma população negra substancial em decorrência da escravidão (MAHONEY, 2015, p. 125) como o Brasil e os Estados Unidos, era um fator de extrema preocupação. Ambos os países naquela época precisavam de força laboral que substituiria a mão de obra escrava, mas houve um intenso debate no emprego de corpos asiáticos devido à empreitada racista em busca da “pureza de raça”. Em outras palavras, a repulsa aos chineses e, posteriormente, aos japoneses tem sua representação mais significativa no uso da expressão “perigo amarelo”, que vai ser associada nesse período a uma suposta inferioridade racial, uma definição que incluía especulações acerca dos pretensos “riscos” da mistura racial entre *coolies* (homens que viriam sem família) e mulheres negras e mestiças (SEYFERTH, 2002).

É só com o fim da escravidão (em maio de 1888) e a queda da Monarquia brasileira dando lugar à República (novembro de 1889) que um tom mais eficiente passa a ser aplicado à política imigratória brasileira voltada ao “amarelo” (DEZEM, 2005; 2014). Neste contexto, a imigração japonesa parecia mais adequada e/ou desejável quando comparada à chinesa, principalmente, devido ao projeto imperialista do Japão junto aos países vizinhos, sobretudo na China, o que contribuía para uma imagem alinhada aos interesses dos países

ocidentais. Mais do que isso: “na busca dessa igualdade em relação aos olhos do Ocidente, o Japão pretendia ser reconhecido como país “não-asiático”, principalmente em termos raciais, buscando dessa forma se diferenciar da China e dos chineses, constantemente confundidos com os japoneses em terras latino-americanas” (DEZEM, 2014, p. 08).

No Brasil, o discurso orientalista representado pelo mito do perigo amarelo e da minoria modelo vai assumir diversas formas e apresentar várias faces ao longo dos dois últimos séculos, dando um tom todo particular à trajetória dos povos do Extremo Oriente em nosso país. Tratando-se de discursos político-ideológicos, são considerados aqui enquanto narrativas que apresentam um variável grau de mutabilidade e dependem inteiramente da conjuntura política daquele dado período histórico. No entanto, o princípio basilar desses acionamentos ao longo da história é sempre atribuir ao Extremo Oriente um papel de inimigo, ameaça comum, ou até mesmo, uma docilidade um tanto débil, na maioria das vezes racializadas, conforme veremos a seguir.

### **3 Análise de dados: abordagens do jornalismo brasileiro sobre a China**

A metodologia de análise neste artigo consistiu na coleta de textos jornalísticos através da ferramenta Google News a partir da busca de 3 palavras-chaves: “China”, “racismo” e “xenofobia”. Nessa busca, obtivemos uma amostra significativa de resultados que, segundo a plataforma, correspondeu aos 100 textos mais relevantes do último ano. A partir desse material, fizemos uma seleção manual das notícias, visando um recorte mais preciso para a pesquisa, na qual foram utilizados os seguintes critérios: 1) o material deveria ser aberto ao público, ou seja, não era necessário (no momento da coleta) ter assinatura ou cadastro no site da notícia/artigo; 2) ter sido publicado entre dezembro de 2019 e abril de 2020; 3) fazer parte do grupo de sites de notícias com o maior número de publicações sobre o tema, ou seja, cada site selecionado possui 8,3% (n=3) de artigos cada. Os sites que figuraram nesta amostra foram os seguintes: R7, G1, Uol e Brasil de Fato. Através desse recorte mais preciso, foi possível observar de maneira contundente os traços do orientalismo nos discursos apresentados, bem como contextualizar as menções que são feitas à China, aos chineses, aos asiáticos amarelos e seus descendentes no atual cenário de pandemia. Como exemplo introdutório, destacamos esse trecho da matéria publicada em 5 de fevereiro de 2020 no UOL:



Nas redes sociais [digitais], usuários de ascendência asiática têm publicado agressões verbais e ofensas em locais públicos, em especial em lugares fechados, como ônibus e vagões de metrô, além de piadas relacionadas à higiene (TEIXEIRA, 2020).

8 SENTIMENTO ANTI-CHINA SE  
ESPALHA NO EXTERIOR JUNTO  
COM CORONAVÍRUS, 2020

Já a matéria jornalística “Sentimento anti-China se espalha no exterior junto com coronavírus” (2020) publicada em 1º de janeiro de 2020 pelo R7, teve como foco noticiar a relação da China com outros países asiáticos. A matéria destaca as relações diplomáticas e políticas complicadas que a China mantém nessa região e destaca que o coronavírus surgiu em um mercado de “carnes exóticas”. O grande problema em relação a essa expressão é que o termo “exótico” se revela inapropriado. Embora haja relatos de que tais carnes vendidas no mercado mencionado sejam consumidas por uma parcela muito pequena da população local, a expressão serve para descrever aquilo que não é comum ou natural no país de quem está utilizando o termo, ou seja, transforma os hábitos alimentares de um local em universalmente “exóticos”.

Na referida matéria, notamos como o sentimento “anti-China” na Ásia aparece como consequência de disputas entre os países da região. No entanto, é possível perceber que, para além de uma simples disputa por uma suposta liderança econômica, política e/ou cultural, há o aproveitamento de determinados discursos discriminatórios contra asiáticos, sendo reproduzidos por pessoas asiáticas de outros países com o objetivo de atacar e enfraquecer a China: “Como seu país está começando a espalhar doenças... não aceitamos servir hóspedes da China” (aviso de um hotel no Vietnã); “Pare de comer morcegos” (Tailândia; comentário no Twitter). Fora da Ásia, o “sentimento anti-China” aparece como consequências da percepção orientalista sobre o país:

Em lugares distantes como a França, um jornal foi criticado por sua manchete “Alerta Amarelo”, ecoando termo racista ocidental “Perigo Amarelo”, usado para semear o medo da influência asiática, enquanto autoridades e escolas em Toronto, no Canadá, alertaram contra a discriminação em relação a canadenses de origem chinesa. “Pressupostos orientalistas, desconfiança política e preocupações com a saúde são uma combinação bastante poderosa”, disse Charlotte Setijadi, antropóloga e professora da Universidade de Administração de Cingapura<sup>8</sup>.

No Brasil, observa-se que a xenofobia é manifestada através do racismo uma vez que normalmente estrangeiros periféricos e/ou não-brancos são alvos comuns, enquanto os estrangeiros de países centrais (principalmente brancos) são privilegiados (POZZA, 2016). Inclusive, boa parte dos textos analisados carregam essa denúncia sem, no entanto, definir precisamente a diferença e a

relação entre os conceitos de xenofobia e racismo. Isso se deve à racialização das nacionalidades cujas representações tendem a definir sujeitos com determinados fenótipos como pertencentes a determinados países, ainda que a população mundial tenha passado por intensas transformações e fluxos migratórios nos últimos séculos (AUTOR 3, 2019).

Na mesma direção, a matéria “Pandemia de coronavírus gera surto de racismo contra asiáticos” (2020), publicada em 15 de março de 2020 pelo R7, destaca que os asiáticos amarelos tornaram-se o “rosto” da pandemia. Ainda que se fale sobre a doença em diversas partes do mundo e que seja transmitida por pessoas de outros grupos étnico-raciais, a notícia destaca que existe uma grande tendência a utilizar fotos de asiáticos amarelos para referir-se à doença e de chamá-la de “coronavírus chinês”.

Quando a doença enfim chegou ao país, no final de fevereiro, veio importada da Itália. Dos 52 casos confirmados no Brasil, nenhum veio da China. Ainda assim, a comunidade asiática no Brasil foi alvo de comentários racistas<sup>9</sup>.

De fato, as notícias da nossa amostra, de maneira geral, apontam para a tendência de depositar a culpa do vírus nos chineses e a tentativa de responsabilizá-los pela propagação da doença. Isso evidencia uma estratégia de líderes mundiais de se livrarem da responsabilidade de arcar com as melhorias de seus respectivos sistemas de saúde e não entrarem em discussões sobre as falhas desses sistemas que não estão preparados para atender à população massivamente, afinal, boa parte dessa população tem seus direitos negados e é superexplorada. Por outro lado, as denúncias de racismo e xenofobia contra “amarelos” encontradas em nossa análise vêm acompanhadas de uma certa necessidade de comparação entre esse grupo étnico-racial e outros não-brancos conforme a matéria “Surto de coronavírus lembra racismo e xenofobia contra orientais no Brasil” (2020) publicada em 2 de fevereiro de 2020 pelo UOL revela:

A intensidade das violências simbólica e física contra orientais é incomparavelmente menor do que aquelas sofridas por negros e indígenas - vítimas de genocídios e assassinados por serem quem são, nas periferias das cidades e do campo. Ao mesmo tempo, descendentes de orientais podem desfrutar de privilégios que negros e indígenas não chegam nem perto por conta de sua cor de pele. Isso não significa, contudo, que indivíduos desses grupos não sejam alvos (SAKAMOTO, 2020).

Evidentemente, cada grupo étnico-racial enfrenta desafios importantes que devem ser observados na sociedade brasileira, no

entanto, defendemos que não há “privilégios” como costuma-se pensar, e sim concessões. Concessões essas que podem ser conquistadas através de articulações políticas do próprio grupo em questão, mas que na maioria das vezes fogem ao controle do não-branco devido ao racismo estrutural (e internacional). Com isso, para alimentar o afastamento entre não-brancos (negros, indígenas e “pardos”), vistos como legitimamente brasileiros (SCHUCMAN, 2012; SOVIK, 2010), narrativas orientalistas podem ser utilizadas como forma de violência conforme outro trecho da referida matéria demonstra: “negros não são sujos porque foram escravizados”. Por isso, nos interessa destacar que através da percepção orientalista, os amarelos no Brasil podem ser enquadrados através de concessões (como a expressão “minorias modelo” demonstra), contudo permanecem no imaginário brasileiro como o eterno estrangeiro (e/ou atual “perigo amarelo”) dada a pandemia:

As demonstrações de preconceito nas redes sociais [digitais] por conta do coronavírus somou-se, recentemente, a ignorância orgulhosa presente nas ofensas ao jogador japonês Keisuke Honda, nova aquisição do Botafogo para temporada, e ao youtuber Pyong Lee, descendente de coreanos e participante do Big Brother Brasil. Ou ainda as declarações do presidente da República, destilando xenofobia e racismo sobre a jornalista Thaís Oyama, autora de uma publicação sobre o primeiro ano de seu governo. «Esse é o livro dessa japonesa, que eu não sei o que faz no Brasil, que faz agora contra o governo.» Detalhe: ela nasceu em Mogi das Cruzes (SP). (SAKAMOTO, 2020).

Com efeito, políticos de várias partes do mundo como o presidente Jair Bolsonaro e seu filho, o deputado Eduardo Bolsonaro, vêm utilizando a desinformação através da propagação de notícias falsas como ferramenta que propaga o desprezo da China e de povos “amarelos” em larga escala. A matéria “Bolsonaro e seus robôs: como funciona a propagação de fake news sobre o coronavírus” (SOUZA, 2020), publicada em 3 de abril de 2020 no Brasil de Fato, destaca que é possível observar vínculo direto entre desinformações de cunho político e os discursos do presidente, sobretudo, quanto ao fato de Bolsonaro afirmar que se trata de um “plano deliberado chinês para abaixar os mercados do mundo, comprar empresas a preços baixos e dominar o mundo” (SOUZA, 2020). Dessa forma, os discursos de tais políticos são carregados de contradições. Se em determinados momentos culpabilizam a China como se tratasse a pandemia com seriedade, em outros, ao serem convidados a investir tempo e dinheiro para tratar e prevenir a doença, eles se omitem como se a doença não fosse um grande problema. Na matéria publicada em 1º de março de 2020 pelo G1, acompanhamos o referido relato:

Isso é desnecessário e dói muito, porque não é o ataque contra os orientais que vai prevenir a doença. Até agora vi poucas campanhas de conscientização vinda de autoridades e de médicos. A população ainda tem pouca informação. Eles precisam saber que a xenofobia e o preconceito não é a resposta<sup>10</sup>.

Na matéria “Em carta aberta China oferece ajuda ao Brasil contra o coronavírus” (2020) publicada em 27 de março de 2020 pelo site R7, observamos que atacar o ‘outro’ imaginado vem sendo uma estratégia amplamente utilizada pelos governos e políticos em diversos países para se livrarem da responsabilidade de lidar com a pandemia. E, como parte de tal estratégia, aparecem uma série de argumentos que promovem o ódio contra a China, chineses e amarelos: falta de transparência do governo Chinês, apesar de estar compartilhando desde dezembro dados científicos com a OMS sobre o coronavírus (XIAOJUN et al, 2020); que os chineses têm maus hábitos alimentares e de higiene; que se os chineses forem expulsos a doença acaba; que os chineses são racistas também (com negros principalmente), dentre outros. Conforme a matéria publicada em 04 de abril de 2020 pelo Brasil de Fato:

‘A reação da mídia e de alguns governos ocidentais tem sido a de propagar a ideia de que este vírus é uma criação chinesa; com ideias racistas sobre que de alguma forma o povo chinês é culturalmente responsável pelo surgimento deste vírus’, afirmam no abaixo-assinado (MELITO, 2020).

Ao final desta análise, portanto, trazemos uma importante preocupação que nos cabe no momento: após o surto da doença, como será o tratamento dado aos amarelos no Brasil e no mundo? Essa matéria do G1 de 07 de março de 2020 aponta para possíveis cenários:

[...] se a epidemia for controlada até abril deste ano, a recuperação do potencial de consumo dos chineses só deve acontecer em 2023. “O próprio preconceito que chineses e asiáticos estão sofrendo podem tornar a recuperação ainda mais difícil. Por conta da xenofobia, eles podem evitar viajar para outros países por medo de represálias mesmo com o surto controlado” (PAIVA, 2020).

Além disso, como podemos aproveitar o conhecimento sobre orientalismo, empregado no tratamento anti-China, para refletir sobre as relações estabelecidas entre as periferias mundiais? Pois, em prol de se aproximarem dos países centrais, atacam umas às outras, tanto em situações “micro” (interpessoais) quanto nas “macro” (institucionais) tal como foi exposto em alguns de nossos exemplos.

#### 4 Apontamentos finais

O século XXI tem sido palco de um visível declínio da hegemonia do Mundo Ocidental, na medida em que outros países vêm adquirindo maior influência política, econômica e cultural, como ilustra o caso da China. Conforme nossa análise demonstrou, boa parte dos veículos jornalísticos no Brasil parecem reforçar e/ou recuperar narrativas orientalistas que buscam interpretar a China como “um outro”, diferente e distante de um “nós”, “branco e ocidental”. Isso demonstra que, na medida em que a China conquista posições de destaque e de liderança diante do atual sistema global, tais percepções de uma “ameaça chinesa” (JI, 2017) se fazem mais presentes e mais fortes na mídia ocidental, que temem uma perda ou divisão de poder no mundo que se apresentará nos próximos anos do século XXI. Por isso, os recentes avanços da pandemia do novo coronavírus se apresenta como mais um obstáculo que o governo de Pequim terá que enfrentar diante de um mundo hostil que vem apostando em narrativas de culpabilização da China pelos danos causados pelo COVID-19 como forma de desviar a atenção de seus próprios problemas.

Na medida em que a China se desenvolve economicamente e reivindica o protagonismo em um cenário pós-ocidental, as narrativas ocidentais tendem a intensificar esse caráter de uma China “assustadora” e, muitas vezes, “inferior”. No entanto, observamos alguns movimentos que apontam para uma reação chinesa no que diz respeito a combater essas narrativas pejorativas. Sob a liderança do atual presidente Xi Jinping, a China tem investido em estratégias que tem a mídia como um dos elementos centrais (RAHMAN, 2019) para enfrentar a propagação de conteúdo depreciativo sobre sua nação. Nesse sentido, a China disputa um espaço para que possa apresentar a sua própria versão dos fatos.

Por fim, reforçamos que a partir do *corpus* selecionado para a pesquisa, percebemos que as narrativas brasileiras que têm circulado sobre a China durante o período da pandemia também procuram inferiorizá-la ou exotizá-la. Acreditamos que essa cobertura torna-se particularmente problemática por estar sendo veiculada no Brasil: um país cuja sociedade ainda sente na pele os reflexos de um passado escravocrata e colonial, mas que tenta se enxergar “europeu” em sua identidade. Nesse sentido, o preconceito contra amarelos se revela apenas mais uma das camadas existentes em seu racismo estrutural.



## REFERÊNCIAS

BANIDOS DE HOTÉIS, EXCLUÍDOS DE ESCOLAS, VÍTIMAS DE COMENTÁRIOS RACISTAS: coronavírus provoca histeria mundial contra chineses. G1, 30 de jan. de 2020. Disponível em: <g1.globo.com> Acesso em: 23 de abr. de 2020.

BRASILEIRA É ALVO DE BULLYING POR CONTA DE CORONAVÍRUS: ‘me senti humilhada’. G1, Santos, 01 de mar. de 2020. Disponível em: <g1.globo.com> Acesso em: 23 de abr. de 2020.

CHAGAS, Rodrigo. **Bolsonaro e seus robôs: como** | Uma visão popular do Brasil e do mundo. Brasil de Fato, 03 de abr de 2020. Disponível em: <brasildefato.com.br>. Acesso em: 23 de abr. de 2020.

CHEN, An. On the Source, Essence of “Yellow Peril” Doctrine and Its Latest Hegemony “Variant”—the “China Threat” Doctrine: From the Perspective of Historical Mainstream of Sino-Foreign Economic Interactions and Their Inherent Jurisprudential Principles. **The Journal of World Investment & Trade**, v. 13, n. 1, p. 1-58, 2012.

CHINA PODRÍA SER LA MAYOR ECONOMÍA DEL MUNDO PARA EL 2030. Portafolio, 28 de jul. de 2019. Disponível em: <portafolio.co>. Acesso em 28/05/2020.

CHINA SE TORNA MAIOR MERCADO MUNDIAL DO CINEMA. Istoé Dinheiro, 23 de mai. de 2018. Disponível em: <istoedinheiro.com.br> Acesso em 28/05/2020.

DEZEM, Rogério. **Matizes do ‘Amarelo’. A gênese dos discursos sobre os orientais no Brasil (1878-1908)**. São Paulo; Humanitas – USP/FAPESP, 2005.

\_\_\_\_\_. O início da imigração japonesa para a América Latina: um breve histórico. **Burajiru Kenkyuu / Revista de Estudos Brasileiros** (Universidade de Osaka), v. 10, p. 121-145, 2014.

EM CARTA ABERTA, CHINA OFERECE AJUDA AO BRASIL CONTRA O CORONAVÍRUS. R7, 27 de mar. de 2020. Disponível em: <noticias.r7.com>. Acesso em: 23 de abr. de 2020.

IMRE, Anikó. The Imperial Legacies of Television within Europe. **Television & New Media**, 2016.

IRELAND, Alleyne. Commercial Aspect of the Yellow Peril. **The North American Review**, v. 171, n. 526, p. 389–400, 1900.

Ji, Fengyuan. The West and China: discourses, agendas and change. **Critical Discourse Studies**, v. 14, n. 4, p. 325–340, 2017.

KAWAI, Yuko. Stereotyping Asian Americans: The Dialectic of the Model Minority and the Yellow Peril. **The Howard Journal of Communications**, v. 16, n. 2, p. 109-130, 2005.

LYMAN, Stanford M. The “Yellow Peril” Mystique: Origins and Vicissitudes of a Racist Discourse. **International Journal of Politics, Culture and Society**, v. 13, n. 4, p. 683–747, 2000.

MAHONEY, Josef G. “Orientalism”, “Yellow Peril,” and the “New Yellow Journalism”. **Fudan Journal of Humanities and Social Sciences**, v. 9, n. 1, 2015.

MELITO, Leandro. **Organizações de 20 países** | Uma visão popular do Brasil e do mundo. Brasil de Fato, 18 de fev. de 2020. Disponível em: <brasildefato.com.br>. Acesso em: 28 de mai. de 2020.

OLIVEIRA, Alana. Uma “imagem” vale mais do que mil palavras: a visão internacional sobre a China em tempos de coronavírus. **Diálogos Internacionais**, v. 7, n. 69, 2020.

PAIVA, Deslange. **Chineses devem suspender planos de viagem e turismo internacional pode perder até US\$ 73 bilhões**. G1, 07 de mar. de 2020. Disponível em: <g1.globo.com>. Acesso em: 23 de abr. de 2020.

PANDEMIA DE CORONAVÍRUS GERA SURTO DE RACISMO CONTRA ASIÁTICOS. R7, 15 de mar. de 2020. Disponível em: <noticias.r7.com>. Acesso em: 23 de abr. de 2020.

POZZA, Natália Flores Dalla. O racismo e a xenofobia no fenômeno migratório analisados pela égide do pensamento colonial e a (in) atividade do poder público frente a essas práticas. **XII Seminário Nacional Demandas Sociais e Políticas Públicas na sociedade contemporânea**. II Mostra Nacional de Trabalhos Científicos, 2016.

PUTTI, Alexandre. **Eduardo Bolsonaro culpa China pelo coronavírus e embaixada responde: ‘contraiu vírus mental’**. Carta Capital. 19 de março de 2020. Disponível em: <cartacapital.com.br>.

Acesso em: 18 de maio de 2020.

RAHMAN, Saifur. China's Foreign Policy and Its Choice for Cultural Soft Power: The Tools. **Social Change Review**, 17, 1-26, 2019.

SAKAMOTO, Leonardo. **Surto de coronavírus lembra racismo e xenofobia contra orientais no Brasil**. Uol, 02 de fev. de 2020. Disponível em: <noticias.uol.com.br> Acesso em: 23 de abr. de 2020.

SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Editora Companhia das Letras, 2007.

SATEL, Sally. **Inside the Controversy over 'the Chinese Virus'**. National Review. 23 de março de 2020. Disponível em: <nationalreview.com>. Acesso em: 18 de maio de 2020.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana** / Lia Vainer Schucman; orientadora Leny Sato. São Paulo, 2012.

SENTIMENTO ANTI-CHINA SE ESPALHA NO EXTERIOR JUNTO COM CORONAVÍRUS. R7, 30 de jan. de 2020. Disponível em: <noticias.r7.com>. Acesso em: 23 de abr. de 2020.

SERFATY, Simon. Moving into a post-Western world. **The Washington Quarterly**, v. 34, n. 2, p. 7-23, 2011.

SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. **Revista USP**, n. 53, p. 117-149, 2002.

\_\_\_\_\_. O estado brasileiro e a imigração. In: **Caminhos da Imigração: memória, integração e conflitos**. 2 ed. – E-book – São Leopoldo: Oikos, 2015.

SOUZA, Marina Duarte de. **Bolsonaro e seus robôs: como funciona a propagação de fake news sobre o coronavírus**. Brasil de Fato, 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/04/03/bolsonaro-e-seus-robos-como-funciona-a-propagacao-de-fake-news-sobre-o-coronavirus>. Acesso em: 25 set 2020.

SOVIK, Liv. **Aqui ninguém é branco** / Liv Sovik. - Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

TAKEUCHI, Marcia Yumi. **O Perigo Amarelo: imagens do mito**,

**realidade do preconceito (1920-1945).** São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2008.

TCHEN, John Kuo Wei. Notes for a History of Paranoia: “Yellow Peril” and the Long Twentieth Century. **The Psychoanalytic Review**, v. 97, Special Issue: Politics and Paranoia, 2010.

TEIXEIRA, Lucas Borges. **Não é piada:** usar coronavírus para discriminar oriental é crime. Uol, 05 de fev. de 2020. Disponível em: <noticias.uol.com.br> Acesso em: 30 de abr. de 2020.

XIAOJUN, Du; PRASHAD, Vijay; ZHU, Weiyan; MANÇANO, Luiza. Artigo | **O papel da China** | Uma visão popular do Brasil e do mundo. Brasil de Fato, São Paulo, 04 de abr. de 2020. Disponível em: <brasildefato.com.br>. Acesso em: 23 de abr. de 2020.

ZAKARIA, Fareed. **O mundo pós-americano.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RECEBIDO EM: 29/05/2020      ACEITO EM: 08/07/2020